

Entrevista: Catarina Delfina dos Santos

CACIQUE DA ALDEIA PIAÇAGUERA

“Eu continuo lavando roupa”

Catarina diz que o cargo de cacique não lhe dá qualquer espécie de regalia e que sua meta é zelar pela paz

CARLOS RATTON
Da Sucursal

Elas nasceu em Itanhaém, tornou-se uma liderança e, hoje, ocupa o cargo de maior prestígio e importância dentro de sua comunidade. Não se trata, como se poderia imaginar, de nenhuma prefeita, governadora, líder sindical ou empresária bem-sucedida. Contrariando uma tradição centenária, a índia Catarina Delfina dos Santos ou Nimbopúrua (nome indígena, que significa *Rainha das Matas*) se tornou a cacique da Aldeia Piaçaguera, com cerca de dois mil alqueires, localizada na Estância Santa Cruz, em Peruíbe, a mais nova comunidade de etnia Tupi-Guarani do Litoral Sul.

A fala mansa, pausada, e o jeito simples,

discreto na maioria do tempo, não traduzem a força interior e a determinação da cacique, que chega a superar, e muito, a dos cerca de 60 índios que estão sob seu comando.

Com 49 anos, Catarina é a segunda cacique mulher do Estado de São Paulo e responsável pela organização, garantia dos direitos, política, e paz na aldeia, enfim, pelo destino de 15 famílias da Piaçaguera, formada por alguns índios que saíram de outras aldeias da região e encontraram ali não apenas um abrigo mas, também, a segurança e o amparo necessários, principalmente os que foram expulsos da Aldeia Bananal após o conflito religioso entre duas lideranças da tribo.

Não foi à toa que Catarina se tornou cacique. Ela, na verdade, é respeitada em sua

comunidade pela sabedoria e porque representa uma espécie de símbolo da resistência, num País em que os índios sempre foram subjugados e abandonados por todas as esferas do governo.

Conforme a cacique, as próprias comemorações dos 500 Anos de Descobrimto provaram a insatisfação das comunidades indígenas com as lideranças formadas pelos chamados homens brancos que, de acordo com os estudiosos da cultura indígena e os próprios índios, por equívocos e falta de sensibilidade, ainda não conseguiram valorizar essa parcela da população, com todas as suas raízes culturais que, a cada dia, vem sendo mais esquecida. Uma triste realidade que é observada nas tribos que habitam a região do litoral paulista.

Há anos no Litoral Sul, Catarina sempre

lutou pelas tribos da região contra posseiros, donos de empresas de terraplanagem, políticos e dezenas de outras pessoas que, por interesses diversos, sempre quiseram impor seus argumentos sobre as questões indígenas.

Hoje, liderando a Aldeia Piaçaguera, a cacique adquiriu mais força. Atualmente, ela não só representa seu povo, como vem sendo a principal referência histórica para que os técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai), que estão em Peruíbe desde a semana passada, possam demarcar os limites do novo aldeamento, iniciando um trabalho de reconhecimento de uma área que, futuramente, após o aval do Ministério da Justiça, poderá ser devolvida, em sua totalidade, a seus legítimos donos.

A Tribuna - Como é o comando de uma mulher em uma aldeia indígena?

Catarina Delfina dos Santos - Não é diferente de um cacique homem, apenas eu acumulo atividades da mulher índia. Eu continuo lavando roupa, cozinhando, cuidando das crianças. A diferença é que, como cacique, além das atividades exclusivas das mulheres, eu tenho de zelar pela paz e entendimento de todos, aconselhando, ensinando e decidindo os rumos que serão traçados para um futuro melhor do meu povo. Eu não me considero uma cacique. Sou apenas uma liderança que quer trabalhar em conjunto com a comunidade.

AT - O cacique é como um prefeito?

Catarina - É parecido. Ele é responsável pela Educação, pela Saúde, pela orientação dos índios da tribo. Mas, o papel principal do cacique é quanto à preservação da cultura que, no meu modo de pensar, jamais pode ser esquecida ou deixada de lado. Eu quero iniciar um resgate da cultura Tupi-Guarani, cujo dialeto vem se perdendo a cada ano. Quero voltar a resgatar nossa língua e cultura junto às crianças. As histórias de nossos antepassados, por exemplo, não são mais lembradas pela maioria dos índios jovens. E isso é muito ruim, pois nossa história e nossa identidade ficam ameaçadas.

AT - No caso de uma discussão ou conflito, os homens respeitam sua decisão?

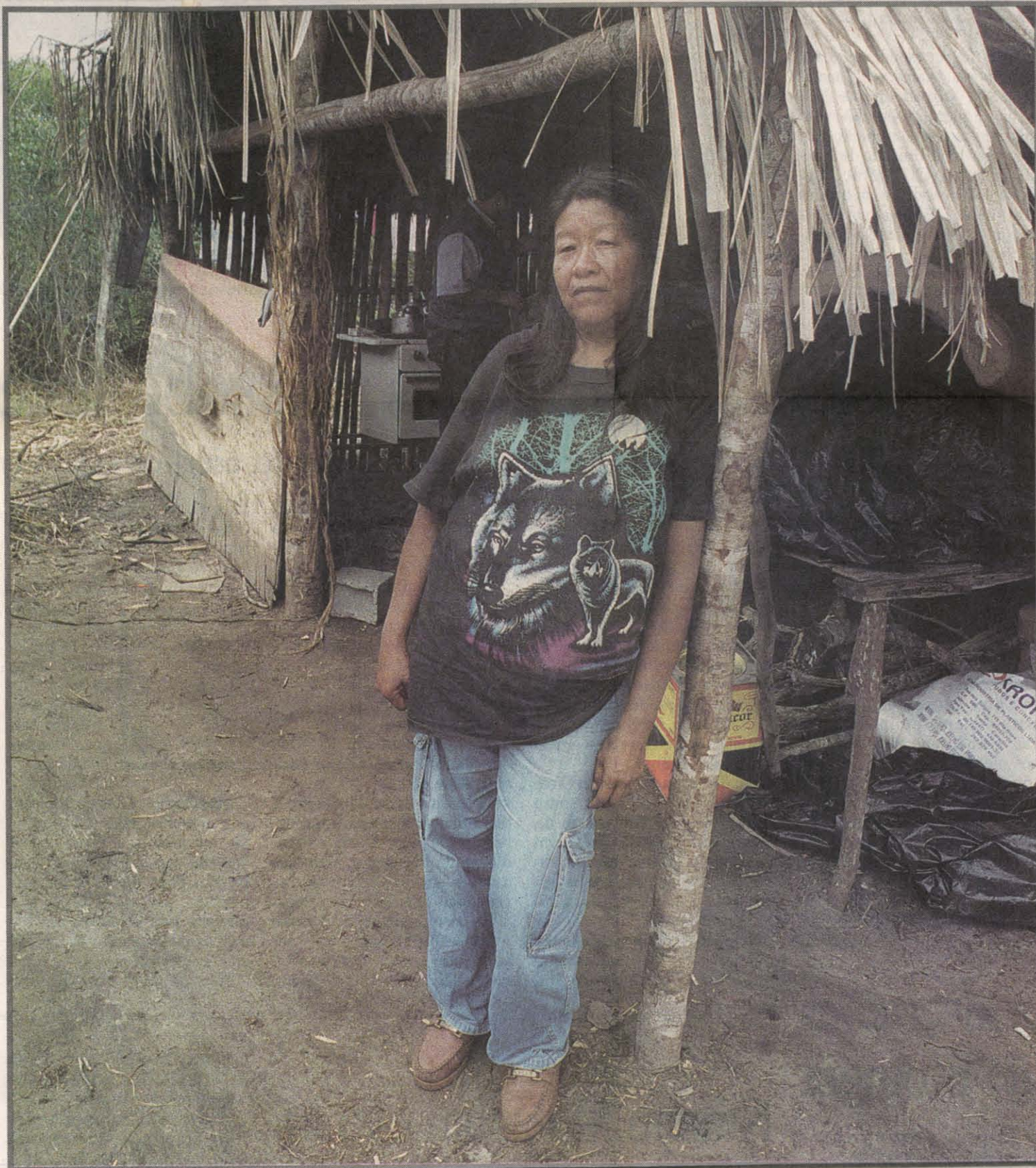
Catarina - Sim, há o respeito. Eu reúno o conselho que, por sinal, é formado por homens; convoco as partes envolvidas e, em conjunto, de maneira democrática, todos chegamos à uma decisão, que é imediatamente acatada pelos dois lados.

AT - A senhora fez algum trabalho que lhe deu experiência para hoje assumir o comando de uma aldeia?

Catarina - Eu trabalho desde 76. Fiz vários cursos e convivi em diversas comunidades indígenas espalhadas pelo País. Fui por muito tempo coordenadora de Saúde da União das Nações Indígenas, quando participei de cursos em Rondônia. Trabalhei no Acre, desenvolvendo um projeto de pesquisa com ervas medicinais. Em Porto Alegre (RS), desenvolvi um trabalho social com os índios que moravam debaixo de pontes e em locais impróprios. Depois, durante cerca de oito anos, viajei por todo o Brasil, conhecendo as lideranças das tribos e um pouco da história de cada etnia. Em 1979, eu representei todas as tribos do Litoral Sul e Norte, numa reunião internacional de três dias, realizada em Brasília. Fui presidente durante três anos da Associação Indígena, em Itanhaém e, hoje, me tornei cacique e moro aqui com meus quatro filhos.

AT - Qual a sua principal preocupação no comando da Aldeia Piaçaguera?

Catarina - É principalmente o bem-estar das pessoas. Me preocupo também com a Educação e a Saúde das nossas



Respeitada pelos integrantes do conselho da aldeia, todos homens, Catarina luta pelo bem-estar dos índios que comanda

crianças, pois elas representam o futuro de nosso povo. Hoje, por exemplo, nós estamos enfrentando uma dificuldade muito grande para levar as crianças para a escola, que fica muito distante da aldeia. Embora a Piaçaguera tenha apenas uma pessoa idosa, eu

“A história dos nossos antepassados não é mais lembrada pelos índios jovens”

também penso nessas pessoas. **AT - A Piaçaguera é uma aldeia nova. E isso deve gerar muito trabalho e também uma série de dificuldades. Quais são as suas?**

Catarina - Falta ainda um pouco de estabilidade para as famílias. É como mudar de casa mas, no nosso caso, temos que fazer uma espécie de reconhecimento da área. Temos que conhecer o melhor ponto para se estabelecer, onde tem água,

como conseguir transporte para buscar o sapé para cobrir as casas e outras dificuldades que, com certeza, com o tempo, serão superadas.

AT - Como a senhora vê a situação do índio hoje?

Catarina - Não só no Litoral Sul, mas em todo o Brasil, a situação do índio, como da maioria da população carente, principalmente com respeito à Saúde e à Educação, é bastante precária. É preciso que os governantes conheçam melhor a nossa realidade, nossos costumes, nossa maneira de viver. Acredito que podemos até auxiliar o homem branco. Por exemplo, temos amplos conhecimentos sobre as formas de tratamento através de plantas medicinais. Nos próximos dias 23 e 24, por exemplo, estarei dando uma palestra sobre ervas medicinais em São Vicente, para cerca de 20 profissionais que atuam na área da medicina natural. Esse pode ser o caminho para um melhor entendimento entre os índios e os brancos, trazendo benefícios para ambas as partes.

AT - A questão da terra, aqui no Litoral Sul, continua dificultando a vida dos índios?

Catarina - Havia muitas dificuldades. Hoje, acredito que a situação vem melhorando. Já saiu a demarcação da Aldeia Aguapeú, está saindo a da Aldeia da Itaóca e, na nossa, os técnicos da Funai já estão providenciando as medições e eu acredito que logo tudo estará resolvido.

AT - A religião, conforme se comenta, foi a responsável pelo conflito que dividiu a Aldeia Bananal. Qual sua opinião sobre essa questão?
Catarina - Eu não acredito que a religião tenha sido o único fato gerador do conflito. Eu defendo a religião indígena e lutarei para que ela seja preservada na minha tribo, mas não sou contra quem prefere seguir outra. A religião evangélica, por exemplo, melhorou muito a atitude de alguns índios. Ali, na verdade, houve um desentendimento entre duas lideranças, por outros motivos, que não cabe a mim comentar sobre quem estava certo ou errado. As vezes, quan-

do uma pessoa se torna cacique, ela não aceita perder o comando, até porque a função é hereditária. Eu já não penso dessa forma. No momento que surgir uma pessoa nova, com vontade de assumir a minha função e que corresponda aos anseios da minha comunidade, eu estou disposta a passar o comando. Eu já estou com 49 anos. Ideias novas são sempre bem-vindas.

“As pessoas ainda pensam que o índio é bicho, porque vive no mato”

AT - A senhora acredita que os curumins estão tendo acesso à Educação?

Catarina - Eu defendo a escola dentro da aldeia, desde que seja bilíngue. É a melhor maneira de preservarmos a nossa cultura e de darmos oportunidade para que as nossas crianças sejam tratadas de igual para

igual com as crianças de origem branca. A Língua Portuguesa é muito importante, mas é preciso que as crianças não se acostumem apenas com ela, pois nas reuniões de aldeias falamos o Guarani. Como nossos jovens irão se comunicar com seus semelhantes se não conhecem bem sua própria língua?

AT - E a questão da Saúde?

Catarina - Esse é outro problema muito sério. Embora nossa cultura proporcione várias opções de cura, por intermédio de ervas medicinais, necessitamos, muitas vezes, de antibióticos. Na verdade, é preciso que haja uma parceria. Precisamos da ajuda e dos avanços da medicina desenvolvida pelo homem branco, mas não podemos deixar de ensinar e propagar a medicina alternativa dos índios. O ideal seria contarmos com um posto de saúde dentro da área indígena, que trabalhasse com os dois tipos de medicina.

AT - Qual sua avaliação sobre as comemorações dos 500 Anos de Descobrimto?

Catarina - Não houve comemoração. Na verdade, houve uma profunda resistência por parte dos índios, que acreditavam que não havia o que comemorar. Eu acredito que os índios ainda não tiveram o verdadeiro reconhecimento. Nem as terras foram totalmente demarcadas. Tem lugares com grande população indígena e pouca terra. Para o índio viver bem é preciso que o homem branco respeite o meio ambiente. É dele que retiramos nossa sobrevivência. Embora muitos índios tenham optado por viver em outra sociedade, a vida fora da aldeia é uma ilusão.

AT - Por que uma ilusão?

Catarina - Porque existe muita violência. O índio não se acostuma com isso. Há também muita discriminação na escola, no trabalho e em outros ambientes. As pessoas ainda pensam que índio é bicho, porque vive no mato. Na escola, quando uma criança faz algo errado, um amiguinho logo comenta que ela parece um índio. As pessoas passam uma ideia errada, que índio não sabe se comportar, que não tem educação.

AT - A senhora acredita que um dia isso possa mudar?

Catarina - Claro que sim, basta que as pessoas olhem o mundo de maneira diferente, de modo mais humano, despidas de preconceitos e que, acima de tudo, haja mais solidariedade. Não dá para ficarmos felizes vendo o próximo passando por dificuldades. Somos todos iguais, por mais que algumas pessoas acreditem que a cor da pele, o tipo físico e os traços físicos demonstrem inferioridade.

AT - Qual a mensagem que a senhora gostaria de transmitir para as pessoas?

Catarina - Eu gostaria que o homem branco fosse menos materialista e mais espiritualista. A apelo às coisas materiais acaba complicando a vida das pessoas. Com espiritualidade, as pessoas poderão enxergar o mundo de forma diferente, mais humano e sem a ganância que, na verdade, só traz infelicidade.